

CRIMES E FENÔMENO *BULLYING* NA ESCOLA: IMAGENS DO CINEMA COMO FONTE DE PESQUISA

doi: 10.4025/imagenseduc.v2i2.13947

Teresa Kazuko Teruya*
Natalia Hernandez Carvalho**

* Universidade Estadual de Maringá – UEM. tkteruya@uem.br

** Universidade Estadual de Maringá – UEM.

Resumo

O objetivo desse trabalho é refletir sobre crimes e fenômeno *bullying* no espaço escolar pelas lentes do cinema. Utiliza como fonte de pesquisa o filme *Um grande garoto* e o documentário *Tiros em Columbine* porque exhibe práticas agressivas e violentas na escola. Descreve partes de suas narrativas para analisar o fenômeno da violência, na perspectiva de estudos culturais. Conclui que o discurso da mídia se constitui em um dos fatores que influencia a formação cultural das crianças e, ao mesmo tempo, tem potencial para desenvolver uma reflexão crítica da imagem/mensagem visualizadas nas narrativas de violência.

Palavras-chave: Mídia na educação. Violência na escola. *Bullying*.

Abstract: Crimes and bullying phenomenon at school: cinema images as a source of research. The aim of this study was to contribute to a reflection about crime and the bullying phenomenon in school space and about the causes of violence. To this end, it was used as source of research the movie *About a Boy* and the documentary *Bowling for Columbine* because dealing about aggressive and violent practices in school. It described parts of their narratives to discuss the phenomenon of violence, from the perspective of critics cultural studies. It concluded that the media can be an important tool teaching for learning in schools and the media discourse can be one of the factors that influence the cultural education of children and the increase of aggressive incidents at school, if isn't a critical reflection about the image /message conveying.

Keywords: Media in education. Violence at school. *Bullying*.

Introdução

O fenômeno *bullying* e os massacres nos espaços escolares aparecem com mais frequência nos meios de comunicação de massa. Há um aumento significativo do número de ocorrências violentas praticadas por crianças e adolescentes que preocupam a sociedade e a comunidade escolar. Estas agressões não eram relatadas com frequência na literatura até a década de 80 do século XX, por isso consideramos esses episódios fenômenos recentes.

Groebel (2002) estima que 93% da população mundial possuem aparelho de TV em casa, com base em uma pesquisa realizada pela UNESCO, entre 1996-1997. Foram entrevistados aproximadamente 5000 alunos de 12 anos de idade em 23 países, sugerindo a importância desse veículo de comunicação como o mais utilizado para se obter informações e entretenimento. Consideramos esses dados

relevantes para analisar o processo de assimilação dos modismos lançados por astros das telenovelas e dos filmes assistidos pelos telespectadores infantis e juvenis. Suas narrativas têm forte potencial para edificar a cultura, propagando conceitos e valores da classe dominante à população, especialmente, a esse público que se encontra na fase de intenso desenvolvimento do corpo e da mente, no aprendizado, na assimilação do conhecimento e na formação de personalidade.

A mensagem transmitida ao telespectador sugere uma configuração do sujeito desenhado pelos padrões culturais da classe que detém o poder, disseminando uma ideologia persuasiva e sedutora para preservar a manutenção das ideias conformistas e o controle da população. Nessa sociedade a criança absorve os elementos da cultura midiática que ajudam na formação de sua subjetividade, introjetando um personagem do qual ela se identifica.

Esta situação é alarmante porque o conteúdo transmitido induz a modelos e a padrões de comportamento que estão em sintonia com os princípios do capitalismo, ocasionando, por exemplo, a massificação da população para o consumo e a intensa difusão dos modos de ser, pensar e agir na sociedade. Para compreender como a mídia transmite os seus conceitos e modifica as estruturas mentais, é necessária uma investigação dos efeitos e das consequências cooptadas pela indústria da cultura, a fim de potencializar uma consciência crítica a respeito dos conteúdos transmitidos. Dessa maneira, tal preocupação não deve vir apenas de indústrias ou grupos civis, devem incluir a família e a iniciativa de selecionar o que se assiste na tela.

O objetivo desse trabalho é analisar as imagens de violência na tela do cinema para contribuir com o debate reflexivo sobre crimes e *bullying* praticados na escola pela população infanto-juvenil do Brasil e do mundo. Selecionamos o documentário *Tiros em Columbine* e o filme *Um grande garoto* que visualizam os episódios de violência na escola e analisamos a influência da mídia sobre as crianças e os jovens.

Tiros em Columbine

Baseado em fatos reais, o documentário *Tiros em Columbine*, lançado em 2002, dirigido por Michael Moore, com duração de 121 minutos, é uma produção norte americana, alemã e canadense. O filme trata do massacre ocorrido no dia 20 de abril de 1999 na escola de Columbine, nos Estados Unidos. Nesse episódio, dois estudantes, fortemente armados, entraram na biblioteca de uma escola pública em Columbine – Littleton – Colorado, matando doze alunos e um professor, e depois cometeram suicídio. Um dos alunos, atingido com um tiro, ficou paraplégico e ainda vive em cadeira de rodas.

Esse acontecimento instigou Michel Moore a realizar uma pesquisa sobre o aumento da violência na sociedade e investigar os motivos que levaram os EUA a possuírem o maior índice de crimes por armas de fogo do mundo, ilustrando alguns acontecimentos que contribuíram para elevar esse índice.

Uma apologia à violência aparece na própria política dos EUA, porque o governo norte-americano se envolve em inúmeros conflitos

violentos com diversos países do mundo, em busca de interesses políticos e econômicos, como se pode verificar cronologicamente no documentário:

- 1953: EUA derrubam o primeiro ministro do Irã, Mossadeq. EUA põe Shan como ditador;
- 1954: derruba presidente da Guatemala, Arbenz;
- 1963-1975; exército americano mata 4 milhões na Ásia.
- 11/09/1973: EUA armam golpe do Estado no Chile. O presidente de El Salvador é assassinado. O ditador Augusto Pinochet assume;
- 1980: EUA treinam Bin Laden e terroristas para matar soviéticos. A CIA dá a eles 3 bilhões. 30 mil nicaraguenses são mortos;
- 1982: EUA dão a Saddam Hussein armas para matar iranianos;
- 1983: Casa Branca dá armas ao Irã para matar iraquianos;
- 1991: EUA entram no Iraque;
- 1998: Presidente Clinton bombardeia “fábrica de armamentos” no Sudão. Porém, era fábrica de aspirinas;
- 11/09/2001: atentado às torres gêmeas e Bin Laden mata 3 mil pessoas com técnicas da CIA; Até hoje os EUA bombardeiam o Iraque (*TIROS EM COLUMBINE*, 2002)

O documentário relaciona a violência na mídia e o controle das armas como aspectos que contribuem com a prática da violência na escola. O forte sensacionalismo nos meios de comunicação dos EUA estimula a venda de notícias, distorcendo o fato de que o índice de criminalidade e o número de assassinatos reduziram em 20%, enquanto, a quantidade de crimes mostrada nos noticiários aumentou em 600%. “O povo americano é condicionado pelas emissoras de TV e noticiários locais a crer que suas comunidades são mais perigosas do que realmente são.” Um entrevistado fala das notícias da TV e denuncia: “Coisas pequenas ficam intensamente perigosas” (*TIROS EM COLUMBINE*, 2002).

Reis Junior (2005) relata que a TV é ao mesmo tempo realística e mágica, pois ela justapõe ficção e realidade no emaranhado de estímulos visuais e conteúdos verbais complexos que deveriam ser distinguidos, especialmente

pelas crianças. Isso gera maior dificuldade em diferenciar aquilo que é permitido na realidade e o que não é.

A pesquisa global realizada pela UNESCO constatou que os programas favoritos das crianças são as histórias de crimes ou de ação, de ficção científica e de horror. Os modelos de papéis para a maioria das crianças (mais meninos do que meninas) são os heróis de ação, seguido por astros da música pop. Nos diversos países, tirando o tempo que ficam no espaço escolar, estima-se que o público infantil passa grande parte do dia assistindo a televisão ao invés de se dedicarem a outras atividades. O tempo dedicado a assistir televisão é de 3 horas diárias, significando, pelo menos, 50% a mais do tempo destinado a qualquer outra atividade realizada fora da escola. (GROEBEL, 2002)

Para Merlo-Flores (1999), o elemento mais repetitivo na TV é a agressão, por isso que a criança está mais vulnerável a ela. A hipótese desta autora é que a agressividade mostrada na TV potencializa as características violentas das crianças mais agressivas, a longo prazo. Elas aprendem múltiplas formas de agressividade e de justificativas para alcançar seus objetivos.

O relatório de 1991 dos Centros de Controle de Doenças declarou que a violência na televisão é um mal para a saúde pública. O relatório de 1993 da Associação Psicológica Norte-Americana concluiu que aqueles que vêem muita violência demonstram maior aceitação de atitudes e comportamentos agressivos. Embora a violência na mídia não seja o único fator considerável que contribui para o comportamento violento, Wartella, Olivarez, Jennings (1999) relatam que em quarenta anos de pesquisas foram observadas uma relação entre a exposição à mídia e comportamentos agressivos.

A pesquisa criminológica indica que em várias nações do mundo, a violência na sociedade aumentou nas últimas décadas. As estatísticas publicadas recentemente mostram que a violência se tornou mais comum entre crianças e jovens com menos de 15 anos de idade. (FEILITZEN, 1999).

Nessa perspectiva, uma das explicações sobre os motivos das crianças assistirem aos programas violentos é o fato de a TV mostrar que a violência é a forma mais rápida, eficiente e sem consequências para resolver os problemas e alcançar seus objetivos. "A televisão, com sua

carga de violência institucionalizada, dá as crianças e jovens permissão para usá-la". (MERLO-FLORES, 1999, p.189)

Em conteúdos midiáticos de maior seriedade também podem ocorrer distorções dos fatos. Segundo Costa (2002), existe uma transformação das notícias em mercadorias, de forma que a velocidade e a efemeridade dos assuntos não podem ser apreendidas no enunciado das reportagens, nas técnicas narrativas e na expressividade do foco jornalístico. A lógica é apresentar grande número de informações em um tempo menor de exposição, o que facilita a construção de mensagens subliminares.

O elevado número de fontes e de canais de informação não garante a qualidade informacional; o ritmo acelerado no recebimento e processamento de informações, em tempo real, não possibilita que o receptor constate, aprofunde e compreenda os acontecimentos. O fluxo contínuo de informação permite pouca margem de tempo para se estabelecer a relação entre a informação, e suas implicações no sentido de uma crítica sobre sua forma, conteúdo e desdobramentos, a espetacularização das notícias subverte a ordem de importância e veracidade dos fatos [...] (COSTA, 2002, p. 142).

Salgado, Pereira e Souza (2005) considera evidente a falta de profundidade nos conteúdos transmitidos pela TV. A superexposição de imagens leva a sua superficialidade, de forma a dificultar espaços de vazios ou de silêncios necessários para que as crianças se apropriem de sua percepção sobre o programa. A rapidez é o símbolo da contemporaneidade, conforme induz a linguagem televisiva: rápida, precisa e objetiva. Diante da pressa, os ouvintes podem deixar de fixar a atenção, tornando-a dispersa e ausentando-se do compromisso de refletir sobre o que vêem ou ouvem.

No depoimento do cantor Marilyn Manson (entrevistado no documentário por ter sido acusado pela mídia de ser uma influência negativa aos jovens, entre eles, os que atiraram na escola Columbine), demonstra que a economia dos EUA consiste em manter a adrenalina das pessoas elevadas com o objetivo de que comprem e consumam mais (*TIROS EM COLUMBINE*, 2002). O representante sueco do

Conselho Executivo da UNESCO, Nilsson (1999), afirma que:

O truque mais barato do entretenimento é brincar com o medo. Esta é provavelmente uma das razões pelas quais a violência é o instrumento de entretenimento usado com maior frequência. [...] O problema é que também a televisão infantil é cada vez mais vista como um mercado, patrocinada e denunciada pelos anunciantes em vez de ser a oportunidade dourada para chegar às crianças, estimulá-las, informá-las e ir ao encontro de sua criatividade. (p.19).

Yushkiavitshus (1999) alerta para a falta de preocupação por parte das instituições a respeito do que as crianças estão assistindo. Nesse sentido, a escola pode ser um forte aliado, pois, além de sua intrínseca função pedagógica, as crianças ficam envolvidas em grande parte de seu dia com atividades escolares.

Os episódios violentos de massacre na escola estão ocorrendo com mais frequência. Menciono alguns que chocaram o mundo. Um estudante sul-coreano Cho Seung-Hui da Universidade de Tecnologia da Virgínia, em 16 de abril de 2007, matou 32 alunos e professores e se suicidou. A Universidade foi acusada de negligência e o estudante deixou vídeos para mostrar ao mundo o seu ataque. Chamava os professores e os estudantes de esnobes. Talvez quisesse mostrar ao mundo a sua raiva e o sentimento de rejeição ou talvez de *bullying* que sofreu. O vídeo deixado pelo estudante sugere também a manifestação de um desejo de se tornar visível para o mundo e transformar seu ato em um espetáculo midiático.

Os noticiários do dia 11/03/2009 informam que, no sul da Alemanha, o jovem Tim K. de 17 anos matou 17 pessoas entre alunos e professores e muitos feridos em uma escola técnica. No Brasil, na cidade de Realengo – RJ, o ex-estudante da escola Wellington, matou oito crianças com tiros de revólver, no dia 07 de abril de 2011. Esse jovem declarou que sofreu *bullying* na escola.

Os motivos que levam um jovem a cometer este tipo de violência na escola devem ser analisados e investigados por profissionais de diferentes áreas, como psicologia, sociologia, educação, administração pública, etc., a fim de se

estabelecer políticas para amenizar os danos causados à educação, à sociedade e às famílias.

Um grande garoto

O filme: *Um grande garoto* é uma produção cinematográfica que representa a violência na escola, conhecida como fenômeno *bullying*. Narra a história do menino Marcus, de aproximadamente 10 anos, constantemente agredido no ambiente escolar pelos alunos, por ser um garoto ingênuo, inocente, frágil e por apresentar comportamentos diferentes dos demais alunos, devido ao seu jeito de se comportar no dia a dia, à sua relação com a “família” e ao modo de se vestir.

Marcus tinha costumes e comportamentos próprios, além da forma de se vestir diferente em relação aos colegas. O tipo de agressão que ele sofria era a exclusão por quase todos os colegas no ambiente escolar; parecia viver em um mundo paralelo. Ele não usava gírias, suas roupas e seus assuntos eram estranhos aos colegas.

Esse comportamento de Marcus o torna diferente dos demais colegas, incomodando o grupo agressor. Para Merlo-Flores (1999), as crianças se utilizam da mensagem da mídia, aprendendo com a televisão as tendências da moda e os assuntos para conversar e brincar. As crianças e jovens assistem aos programas televisivos para se instruírem e se integrarem no seu espaço social. Quem não está em sintonia com os assuntos da moda, é excluído do grupo que não aceita o diferente. À medida que o menino agredido se utiliza da mesma linguagem visual e oral para se comunicar, ele se promove naquele grupo e começa a ser aceito.

Quando Marcus começa a usar boné, tênis de grifes valorizados pelos colegas e a escutar músicas da moda, é menos maltratado pelo grupo que o rejeitava e tem novos contatos com pessoas da escola. Dessa forma, ao aderir os costumes transmitidos pela mídia, o menino mantém-se atualizado e integrado no seu meio social. Segundo Merlo-Flores (1999), para a pessoa ser bem aceita na sociedade e evitar a solidão, ela deve ter uma reposta comportamental favorável e socialmente aceitável. Caso contrário, poderá sofrer a rejeição do grupo e com risco de sofrer *bullying*. Nas pesquisas realizadas por Lisboa, Braga e Ebert (2009, p. 61) apontam que o

[...] *bullying* é um problema mundial que afeta cerca de um terço de crianças por mês. Para cerca de 11% de crianças, este tipo de abuso, praticado pelos seus companheiros, é severo (várias vezes por mês). Em 1982, na Noruega, três alunos na faixa etária de 14 anos cometeram suicídio, possivelmente como resultado de problemas de *bullying* (vitimização). Após, em 1983, uma campanha nacional para combater problemas relacionados à vitimização em escolas foi coordenada pelo Ministério da Educação desse país (Olweus, 1993). Dessa forma, as autoridades, a mídia e profissionais em escolas passaram a dar mais importância e a ficar mais atentos a esse tipo de brincadeira. Apesar de o fato ter ocorrido na Noruega, pesquisas transculturais mostram que o fenômeno *bullying*, provavelmente, sempre existiu e é identificado em diversos países do mundo. Há aspectos comuns nessas manifestações, os quais sugerem um caráter universal no fenômeno. Estudos científicos e aprofundados sobre o assunto começaram a ser realizados a partir da década de 1990, por diversos pesquisadores.

O *bullying* é definido como comportamentos agressivos, de intimidação, de caráter frequente e violento. A agressão pode ser individual ou no grupo. Os termos como maltratar, vitimar, violentar, humilhar, ameaçar, assédio sexual pode substituí-lo. A diferença com o termo violência é que este se refere mais a marginalidade, abarcando situações esporádicas e de grande gravidade, já na área da criminalidade. (PEREIRA, 2002).

A intenção desse comportamento é magoar ou amedrontar alguém e provocar situações em que a vítima está numa posição indefesa. O sofrimento pode ser físico, psicológico ou ambos. No filme, esse comportamento é visível na cena em que Marcus está no pátio e alguns garotos jogam a bola em sua cabeça propositalmente ou quando na sala de aula, caçoaram dele.

Pereira (2002) explica que o *bullying* é um problema de dimensões crescentes em vários países da Europa, América do Norte e Ásia. Esse comportamento tem aspectos marcadamente negativos para a vítima. Os efeitos da agressão são sofrimento, sentimentos de baixa auto-estima e problemas no seu

ambiente escolar, por causa da rejeição pelos amigos, insônia, dificuldades de sociabilidade, de cooperação e de confiar nas pessoas. Sentem-se doentes e indispostos depois de serem agredidos, e a dificuldade em adormecer a noite leva a sonolência durante o dia e a falta de concentração nas atividades educacionais.

Marcus era frequentemente agredido física e verbalmente, além de ser ameaçado frequentemente pelos "colegas". Além das consequências de baixa auto-estima, indisposição e insônia, ele era excluído também pelos amigos mais próximos por estes também serem agredidos quando estavam junto de Marcus. Dessa forma, ele ficava a maior parte do tempo sozinho e, conseqüentemente, mais vulnerável a sofrer agressões.

Os agressores também apresentam problemas como dificuldade no controle dos impulsos, dificuldade de adaptação social e até podem cometer suicídio. Essas crianças agressoras correm o risco de se tornarem anti-sociais e de se envolverem em atividades ilegais cometendo atos inflacionais na fase adolescente e adulta. Em geral, os agressores acreditam na força da violência para solucionar seus problemas, manifestam dificuldade em respeitar a lei, e apresentam problemas no relacionamento afetivo e social. (PEREIRA, 2002).

Marcus tinha carência de afeto e de atenção. Sua mãe era depressiva e trabalhava muito para manter a casa. Não tinha muito diálogo com o filho, mas lhe impunha certas maneiras de se vestir e de se comportar. Vivía chorando na frente do filho, demonstrando estar sempre triste, até que tentou o suicídio. O garoto, diante de tais fatos, se sentia responsável pela saúde da mãe e se obrigava a agir da maneira a não lhe contrariar. Isso o tornava diferente dos colegas.

Merlo-Flores (1999) entende que um dos motivos da criança ficar mais exposta à influência da TV é justamente essa carência dos vínculos familiares. As crianças com ausência dos laços familiares podem se identificar com um personagem e, de acordo com essa identificação, passam a imitar este personagem no seu espaço social. A criança se identifica com os personagens que, inconscientemente, seleciona e integra aos elementos compatíveis com seus problemas a partir de uma identificação projetiva (a criança imagina ser o personagem da história).

Assim, a situação familiar de Marcus pode ser um estímulo para a aceitação dos episódios de violência contra ele, pois além de ele se destacar dos demais, ele está habituado a um ambiente mais hostil, o familiar.

Lisboa, Braga e Ebert (2009, p. 61) apontam algumas causas prováveis para o comportamento agressivo entre as crianças no espaço escolar. Entre as causas esta pesquisa aponta a dinâmica do grupo de pares que estabelecem normas e regras não necessariamente ditas ou escritas, mas são consensuais entre os membros do grupo. “Essas regras dizem respeito a atitudes, comportamentos, aspectos físicos (vestuário, estatura, peso, cor, cor da pele, etnia), dentre outros. Existe uma exigência de homogeneidade que é instituída, *a priori*, entre os membros de um grupo”.

Pereira (2002) relaciona a atuação da família no desenvolvimento de comportamentos agressivos. O fato de a família viver de forma mais isolada gera a solidão entre os indivíduos e um ambiente mais violento se as condições de vida forem precárias.

O isolamento dos indivíduos no meio familiar também pode estar relacionado ao aumento na mídia da exposição da vida privada. Observamos um crescente desejo de exposição na vida pública (a mídia) e do individualismo. As redes sociais, a internet e a televisão no quarto favorecem ao isolamento e ao individualismo. Nas reflexões de Fischer (2005), a ampliação da esfera privada não a transforma em pública, mas indica que a esfera pública retrocedeu.

Estar na companhia dos outros parece ter perdido força, já que ficamos cada vez mais privados de ver e ouvir profundamente os outros, prisioneiros que nos tornamos de nossas subjetividades. [...] A análise de produtos televisivos tem demonstrado que valorizar a vida privada não só corresponde à exacerbação do individualismo como expõe a grande divisão e até oposição entre a esfera privada, de um lado, e as esferas social e política, de outro. (FISCHER, 2005, p. 47).

Expor a intimidade das pessoas na mídia revela o vazio da vida pública. Os indivíduos estão solitários e só se encontram com outros indivíduos também solitários, tranquilizando seu sentimento de solidão. (FISCHER, 2005).

Outra teoria a respeito da influência televisiva é sobre os efeitos preparatórios de Leonard Berkowitz *apud* Wartella, Olivarez, Jennings (1999): a exposição à violência na mídia prepara pensamentos, avaliações e comportamentos agressivos, relacionados com o que viu, podendo influenciar a maneira de responder a violência na TV.

De acordo com a Teoria Social de Bandura *apud* Pereira (2002), os meios de comunicação, em especial a TV, têm papel importante de modelagem da violência, pois conduz a aprendizagem de estratégias agressivas, aponta uma antecipação da ausência de punição e assinala o valor funcional do comportamento agressivo.

Para intervir sobre esse comportamento no espaço escolar, Arnaldo (2002) defende a necessidade de orientar e desenvolver uma consciência crítica em relação às mensagens midiáticas buscando compreender o contexto social e as relações entre os jovens e a mídia e não apenas analisar os efeitos da mídia sobre os jovens. Os meios podem facilitar o aprendizado e contribuir com o desenvolvimento do pensamento e do raciocínio crítico.

Segundo Reis Junior (2005), os diversos estímulos eletrônicos, *videogames*, internet, TV, associados à variedade e velocidade da informação funcionam como estimuladores para o cérebro e facilitadores para aprendizagem da comunicação. Por outro lado, chama a atenção à ingenuidade do indivíduo perante os artifícios da linguagem e a natureza da mensagem transmitida pelos veículos de comunicação. (REIS JUNIOR, 2005). Portanto, o jovem espectador deverá dominar os processos de construção de mensagens para analisar criticamente os produtos oferecidos.

“A escola é um lugar privilegiado para professores e alunos pensarem sobre esse tempo que estão vivendo; e que os debates a partir de produtos da mídia podem ser extremamente ricos.” (FISCHER, 2005, p. 54). É preciso oferecer e criar alternativas para a interpretação dos fatos e para libertar os pensamentos presos aos produtos midiáticos. A escola tem maiores possibilidades de realizar esse tipo de atividade e fomentar a reflexão crítica desses conteúdos.

Considerações

O discurso da mídia se constitui em um dos fatores que influencia a formação cultural das crianças e, ao mesmo tempo, tem potencial para desenvolver uma reflexão crítica da imagem/mensagem visualizadas nas narrativas de violência. Consideramos os filmes *Tiros em Colombine* e *Um grande garoto* uma fonte de pesquisa a serem explorados na formação de professores para desenvolver uma leitura crítica das mensagens transmitidas, analisando os fatores que contribuí para o aumento do fenômeno *bullying* nas escolas e questionar os formatos sensacionalistas que distorcem a realidade.

Para enfrentar esse problema, defendemos uma intervenção educativa a respeito dos conteúdos midiáticos, tendo em vista compreender e distinguir a fantasia da realidade, desde a tenra idade, a fim de desconstruir o discurso midiático que camufla os objetivos do capitalismo, cujo foco se restringe em ter ao invés de ser.

A proposta metodológica para analisar os programas televisivos e os filmes exige uma leitura crítica do contexto, da imagem, da narrativa, da temática, da época, do gênero e questionar se gostaram ou não e por quê. Outra proposta é reconstruir a história oralmente ou escrita para comparar com a vida real e problematizar o conteúdo do filme, a fim de relacionar com situações reais presentes na vida das crianças e jovens.

É preciso combater a ideologia da superioridade e inferioridade cultural muitas vezes expressa no currículo escolar que potencializa a exclusão e o preconceito racial, social e étnico-cultural. Dessa subjetividade ancorada no preconceito e no sentimento de superioridade nasce o agressor ou a agressora que se acha no direito de intimidar a pessoa o mais frágil com ameaças de exclusão da vítima.

O trabalho de conscientização deve ser realizado com os pais e outros adultos para acompanhar a criança enquanto assiste à televisão. Dialogar sobre o que estão assistindo ajudar a criança na compreensão daquilo que está confuso. Se não puder assistir à televisão com a criança, procurar questioná-la sobre o que assistiu, o que achou, se gostou ou não e por quê. Enfim, escute, dialogue, problematize e compartilhe conhecimento.

Referências

ARNALDO, Carlos A. Meios de comunicação: A favor ou contra a educação? In: FEILITZEN, Cecília Von; CARLSSON, Ulla. (Org.) **A criança e a mídia. Imagem, educação, participação.** São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 2002. p. 439-450.

COSTA, Belarmino César G. da. **A estética da violência. Jornalismo e produção de sentidos.** Campinas, SP: Autores associados; Piracicaba, SP: Unimep, 2002.

FEILITZEN, Cecília Von. Introdução. In: CARLSSON, Ulla; FEILITZEN, Cecília Von (Org.). **A criança e a violência na mídia.** São Paulo: Cortez; Brasília: UNESCO, 1999, p. 49-60.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. Mídia e juventude: experiências do público e do privado na cultura. **CEDES**, Campinas, vol. 25, n. 65, p.43-58, jan/abr. 2005.

GROEBEL, Jo. Acesso a mídia e uso da mídia entre as crianças de 12 anos no mundo. In.: FEILITZEN, V. C; CARLSSON, U. (Org.) **A criança e a mídia. Imagem, educação, participação.** São Paulo : Cortez, 2002. p. 69-76.

LISBOA, Carolina; BRAGA, Luiza de Lima; EBERT, Guilherme. O fenômeno *bullying* ou vitimização entre pares na atualidade: definições, formas de manifestação e possibilidades de intervenção **Contextos Clínicos**, 2(1):59-71, janeiro-junho 2009. Disponível em: <http://www.contextosclinicos.unisinos.br/pdf/61.pdf>. Acesso em: 20 de maio de 2012.

MERLO-FLORES, Tatiana. Porque assistimos à violência na televisão? Pesquisa de campo argentina. In. CARLSSON, Ulla; FEILITZEN, Cecília Von (Org.). **A criança e a violência na mídia.** São Paulo: Cortez; Brasília: UNESCO, 1999, p. 187-216.

NILSSON, Nils Gunnar. Prefácio II. As crianças merecem qualidade. In. CARLSSON, Ulla; FEILITZEN, Cecília Von (Org.). **A criança e a violência na mídia.** São Paulo: Cortez; Brasília: UNESCO, 1999, p. 17-21.

PEREIRA, Beatriz Oliveira. **Para Uma Escola Sem Violência – Estudo e Prevenção das Práticas Agressivas Entre Crianças**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, Fundação para Ciência e a Tecnologia, 2002.

REIS JUNIOR, João Alegria Alves dos. Deciframe ou devoro-te. **CEDES**, n. 65. p. 59-70, jan./abril. 2005.

SALGADO, Raquel Gonçalves; PEREIRA, Rita Maria Ribes; SOUZA, Solange Jobim e. Pela tela, pela janela: questões teóricas e práticas sobre infância e televisão. **CEDES**, Campinas, vol. 25, n. 65, p. 9-24, jan/abr. 2005.

WARTELLA, Ellen; OLIVAREZ, Adriana; JENNINGS, Nancy. A criança e a violência na televisão nos EUA. In. CARLSSON, Ulla; FEILITZEN, Cecília Von (Org.). **A criança e a violência na mídia**. São Paulo: Cortez; Brasília: UNESCO, 1999, p. 61-70.

YUSHKIAVITSHUS, H. Prefácio I. Crianças, mídia e violência. In. CARLSSON, Ulla; FEILITZEN, Cecília Von (Org.). **A criança e a violência na mídia**. São Paulo: Cortez; Brasília: UNESCO, 1999, p. 16.

Filmografia:

TIROS EM COLUMBINE. Direção: Michael Moore. Elenco: Michael Moore (Michael Moore), Denise Ames, Charlton Heston, Marilyn Manson. Gênero: Documentário; Roteiro: Michael Moore; Matt Stone, Barry Galsser, John Nichols. [EUA: Alpha Filmes], 2002. (120 min).

UM GRANDE GAROTO. Direção: Chris Weitz; Paul Weitz. Atores: Toni Collette; Hugh Grant; Rachel Weisz; Nicholas Hoult. Gênero: Comédia. [EUA/INGLATERRA: Universal], 2002. (101 min).

Recebido em: 08 de julho de 2011.

Aceito em: 03 de agosto de 2011.